

DOIS SÉCULOS DE REPRESENTAÇÕES DA REGIÃO AMAZÔNICA NOS TEXTOS: O PARAÍSO DE UM NATURALISTA (JOHN HEMMING) E O TURISTA APRENDIZ (MÁRIO DE ANDRADE)

Lindomar de Souza Torres Araújo¹
lst76araujo@gmail.com

Sônia Maria da Costa França²
soniafranca.acre@gmail.com

Resumo: O presente artigo propõe uma análise comparativa, delimitada em trechos específicos contidos em dois textos construídos com bases narrativas, revelando experiências distintas passadas na região amazônica do Século XIX e XX. O Paraíso de um naturalista de John Hemming, obra contemporânea que explora as primeiras expedições na floresta amazônica e O turista aprendiz de Mário de Andrade, uma composição concebida em formato de diário de viagem retratando todo o trajeto de sua passagem pela região. Tencionamos analisar as representações da natureza, do homem e a inter-relação homem-natureza, contrastando as produções originadas pelo estrangeiro europeu, imbuído de saberes e buscas científicas, assentes em saberes dos naturalistas do século XIX (Hemming, 2011), tendo como contraponto os escritos de Andrade (2015), que explora a percepção do cidadão brasileiro, produtor e fomentador da arte e cultura nacional e expressa uma “nova versão naturalista de ser”. A perspectiva é promover um resgate de registros cujos conteúdos expressam percepções dos sujeitos das narrativas a partir do recorte temporal e local, interessando a reflexão sobre o impacto dos discursos produzidos em épocas passadas para a projeção atual dos elementos homem natureza no contexto amazônico.

Palavras chave: Amazônia; representação; naturalista; cultura

Abstract: This article presents a comparative analysis, based off two specific texts built on narrative bases, displaying distinct experiences in the amazonian region during XIX and XX centuries. “O Paraíso de um naturalista” by John Hemming, describing the expeditions in the amazonian forest and “O turist aprendiz” by Mário de Andrade, a travel diary depicting his trajectory through the region. It is analysed the portraying of nature, men and the relations between them, contrasting the european production, imbued of knowledge and scientific search, denominated naturalists (Hemming, 2011), with (Andrade, 2015) exploring the perception of a brazilian citizen, producer and instigator of national art and culture, a “new naturalist”, promoting a work that expresses the perception of subjects based on a temporal and local cut, interested on the impact of previous discourse on the contemporary elements of man-nature relationship in the amazonian context.

Keywords: Amazon, representation, naturalist, culture

1 Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal do Acre e Mestranda do Programa de Pós-Graduação Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) na Universidade Federal do Acre

2 Graduada em Pedagogia e Artes Visuais pela Universidade de Brasília; mestranda do Programa de Pós-Graduação Letras: Linguagem e Identidade (PPGLI) na Universidade Federal do Acre; atua como Tradutora Intérprete na Universidade Federal do Acre.

INTRODUÇÃO

A Amazônia e suas representações ao longo dos tempos, tem ainda hoje viva as digitais dos primeiros registros publicados sobre esta região. A influência das impressões dos primeiros naturalistas que buscavam alcançar a posteridade com seus trabalhos, foi fundamental para as interpretações posteriores. Nesta produção objetivamos resgatar narrativas que contribuíram para a compreensão das formulações elaboradas, dando conta de interpretar a Amazônia enquanto espaço geográfico, social e cultural que reverbera mundo afora. Para isso selecionamos dois textos que refletem concepções pautadas em interesses distintos, contemplando períodos históricos que adentram dois séculos. O primeiro é um trecho da obra de John Hemming, *Árvore de Rios: a história da Amazônia*. Especificamente no capítulo *O Paraíso de um Naturalista*, o mencionado o autor trabalha com um rico apanhado histórico, selecionando e comentando relatos que perpassam quase todo o século XIX. O segundo texto, *O Turista Aprendiz*, de Mário de Andrade, é uma obra ampla com vários trechos, fotos e desenhos, uma composição em forma de diário de viagem. Neste caso, optamos por trechos que expõe uma visão muito particular do autor sobre a Amazônia da década de 20 do século XX, trazendo no vocabulário e nas construções, quase alegóricas, a projeção de uma ótica artística de quem buscava inspiração para uma produção literária genuinamente brasileira. Nosso texto tenciona estabelecer uma análise comparativa entre as duas obras, explorando as representações, a compreensão da inter-relação homem e natureza, contextualizando os aspectos sociais e culturais que moldam todos os discursos produzidos sobre este espaço territorial e cultural.

Leituras outras foram fundamentais para esta composição, em especial as produções acadêmicas das Universidades do Norte do país, destacando a Universidade Federal do Amazonas – UFAM e a Universidade Federal do Acre – UFAC. O destaque é válido pelas pesquisas desenvolvidas contemplando a região amazônica em diferentes aspectos, proporcionando acessar autores e acervos bem restritos à localidade. Nessa busca por mais elementos para orientação da produção textual em andamento, dois artigos foram muito relevantes para repensar alguns aspectos da proposta inicial do texto, como também sua construção metodológica: *O discurso colonizador camuflado de ciências na Amazônia do século XIX* publicado por Santos (2021) e a representação e cotidiano da Amazônia no contexto das obras *Amazônia, paraíso dos naturalistas* de Hideraldo Costa, e *Pescas, piqueniques, banhos, a cultura e os lazeres locais no olhar dos viajantes do século XIX* de Simone Villanova (2017). O acesso às leituras apresentadas, motivaram a iniciativa de desenvolver uma análise comparativa enfatizando os elementos humanos, natureza e suas inter-relações tendo por base o mesmo espaço geográfico, porém em tempo, prioridade e interpretação distintos. Foi uma provocação para ler e reler Hemming (2011) e Andrade (2015), obras com peculiaridades que se diferem de outras produções voltadas a mesma temática, da Amazônia e o imaginário dos seus viajantes.

CRIADOR E CRIATURA: UM POUCO DOS AUTORES

John Hemming (1935) é um historiador canadense que passou as últimas seis décadas documentando a história das culturas indígenas amazônicas. Suas obras mais conhecidas são *Arvore de rios: a história da Amazônia* (2008), *Naturalists in Paradise: Wallace, Bates and Spruce* (2015) e *Conquest of the incas* (1970), esta última recentemente teve nova impressão em espanhol. No Brasil Hemming visitou 45 tribos, realizando sua primeira expedição em 1961. Atualmente tem seu nome atrelado ao ativismo pela causa indígena e é um ferrenho crítico das políticas de risco ao equilíbrio ecológico global. Em entrevista recente à revista eletrônica *Envolverde*, ele demonstrou preocupação com o desmonte das ações de proteção à floresta e aos povos tradicionais promovidas pelo governo Bolsonaro. Na ocasião ele questiona a contradição dos discursos do presidente, que se dizendo um cristão temente à Deus, mas não tem escrúpulos quando se trata de destruir as vidas e o habitat de milhões de criaturas que Deus colocou em nosso planeta. Ele analisa com preocupação a crise hídrica no Brasil e os impactos que afetam diretamente o setor hidrelétrico e o agronegócio, defendendo iniciativas mais sustentáveis e a necessidade de repensar práticas destrutivas que vêm sendo implementadas.

Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945) é natural de São Paulo, escritor modernista e uma das principais referências da literatura brasileira, contando inclusive com obras póstumas como é o caso do livro diário *O turista aprendiz*, que tem sua primeira publicação em 1976, 31 anos após sua morte. Andrade esteve diretamente ligado a Semana de Arte Moderna, integrando o “Grupo dos Cinco” com Tarsila do Amaral, Anita Malfatti e Menotti del Picchia. O evento foi um grande marco cultural no cenário nacional ocorrido em 1922, propondo uma ruptura com a arte tradicional acadêmica, para dar lugar a uma nova estética artística no Brasil.

O PARAÍSO DE UM TURISTA APRENDIZ: RELAÇÕES EM CONTEXTO

Para justificar a proposta inicial, faz-se necessário apresentar sinteticamente os textos da nossa análise. *O Paraíso de um Naturalista*, de Hemming, destaca a saga de três “naturalistas” percorrendo a Amazônia no período que compreende quase todo o século XIX: Henry Walter Bates, que ganhou fama como um dos maiores naturalistas a visitar e escrever suas impressões sobre a Amazônia no período; Richard Spruce, que destacou-se como botânico e Alfred Russel Wallace, que teve seu nome atrelado à história natural e a evolução das espécies, por meio da seleção natural. Os três são referências importantes, mas ao longo do texto outras figuras vão surgindo e cada uma delas apresenta um elemento no mosaico macro da obra. Elaborando os escritos em uma perspectiva linear, podemos iniciar com o Barão alemão Alexander Von Humboldt, o mais célebre viajante que se tem registro. Ele apresenta um conjunto de características que lhe permite ser denominado enquanto um sujeito polímata, ou seja, uma junção de muitos saberes, sem ficar preso a uma área específica do conhecimento. Humboldt surge na literatura como o primeiro cientista a elaborar registros de pesquisas sobre a região amazônica no final

do século XVIII. Em uma de suas incursões na região, foi proibido de entrar em solo brasileiro pelo governo português, por haver muita desconfiança sobre as reais intenções das pesquisas realizadas pelo jovem alemão Podemos identificar essa desconfiança em um trecho do informe do governo colonial direcionado a uma unidade de segurança na fronteira, alertando sobre sua presença e a ameaça que pairava, referindo-se a ele como “um estrangeiro que poderia ocultar planos de propagação de novas ideias e perigosos princípios entre os leais súditos deste reino, numa época em que o estado de ânimo desta nação encontra-se em uma condição tão perigosa com a qual é difícil lidar” (BOTTING, 1973 *apud* HEMMING, 2011, p.171).

Em se tratando da obra *Paraíso de um Naturalista*, a mesma traz em seu início uma detalhada descrição da percepção de Humboldt, demonstrando o encantamento e a excepcionalidade em tudo que via nas terras planas e verdes da floresta amazônica venezuelana, pois por maior que tenha sido seu empenho em adentrar o espaço da então colônia portuguesa, foi impedido e diplomaticamente convidado a retornar pelo mesmo caminho que veio, o rio Orinoco. A descrição com intensa capacidade imagética atrai o leitor, evocando a imaginação em relação ao espaço naquele período. Ele fala em árvores gigantescas, vastas e inéditas amostras de fauna e flora, com direito a uma pequena vivência com as “enguias elétricas” assustando os cavalos, que com a crina elevada evidenciaram a todos da equipe as descargas de alguns volts que acabaram de receber dos exóticos peixes do lugar.

Seguimos avançando no tempo e encontrando outros personagens. Entre 1819 e 1820 os bávaros Baptist Von Spix e Carl Friedrich Philip Von Martius estiveram percorrendo os rios do Norte a convite da princesa Leopoldina. Já Charles Waterton surge como o primeiro inglês a registrar a beleza exótica da região, como resultado de quatro viagens adentrando o norte do Brasil pela vizinha Guiana Britânica, onde morou entre 1812 e 1826. Em expedição financiada pelo Czar russo, o alemão Georg Langsdorff percorreu rios brasileiros, mas não chegou às águas da bacia amazônica, isto entre 1825 a 1828. Johann Natterer austríaco ligado a arquiduquesa Leopoldina seguiu para a bacia amazônica em 1820 só retornando a Viena em 1835. Ele se casou com uma brasileira, e consta que deixou em terras brasileiras uma filha de origem baniua.

O trio inglês que mais tarde ganha destaque como personagens principais no livro *Naturalists in Paradise: Wallace, Bates and Spruce* (HEMMING.2015), são Henry Walter Bates, Alfred Russel Wallece e Richard Spruce, jovens aventureiros que percorreram o território do Norte iniciando oficialmente a jornada em 1848, observando que cada um teve um tempo distinto de permanência, Wallace permaneceu por 4 anos; Bates, 11 anos e Spruce 14 anos. Com esse tempo mais prolongado Spruce conseguiu desenvolver certa fluência na Língua Geral. Aqui recorreremos a Freire (2004) para fazer uma breve contextualização sobre a importância da Língua Geral naquele período. Este autor realizou um estudo detalhado sobre o nheengatu ou Língua Geral Amazônica, principal língua na região por quase dois séculos e reconhecida no início de século XIX como língua majo-

ritária. Compreendida como língua interétnica, era usada nas relações de trabalho, bem como em outros espaços coletivos como escolas e igrejas. Embora haja divergências entre autores, predomina a concepção de que sua origem seja tupinambá. Ao longo do tempo, no entanto, em decorrência do contato com outras línguas, modificou sobre modo sua estrutura, prevalecendo mesmo enquanto principal língua de circulação na região.

Entre 1865 e 1884 as últimas expedições são registradas, uma liderada pelo suíço Louis Agassiz e, alguns anos depois, em 1870, a expedição americana que teve a frente o canadense Charles Frederic Hartt, esta com motivação nos estudos geológicos. A última expedição descrita por Hemming foi a liderada pelo jovem alemão Karl Von den Steinen, de 29 anos. Este fez sua primeira incursão em 1884 e a segunda em 1887, última do período a ser registrada. Foi Steinen quem mais evidenciou o aspecto antropológico dos povos indígenas, já ele e sua equipe interagiram com várias etnias do rio Xingu, sendo posteriormente caracterizado como o primeiro naturalista a percorrer todo o trajeto do grande Xingu.

Praticamente um século de registros é a base do texto de Hemming. Em seu trabalho, preciosidades da história foram catalogadas e precisamente organizadas em um percurso de tempo linear, descrevendo intensas e constantes atividades de pesquisas no perímetro amazônico brasileiro desenvolvidas por botânicos, biólogos, etnobotânicos, linguistas. Seus escritos, onde constam a divulgação de seus achados, estimulou na Europa os primeiros ensaios dos movimentos sociais fundadores de direito, o sindicalismo, o ativismo ambiental e a proteção às populações indígenas. No século XIX os naturalistas estavam fortemente influenciados pela visão evolucionista e a percepção tempo-espço amazônico era o ambiente perfeito para suas empreitadas rumo às novas descobertas e defesas imbuídas de total ineditismo científico, com base nos princípios racionalistas.

Tendo concluído as incursões aos escritos de Hemming, iniciamos agora a apresentação das análises realizadas no texto de Mário de Andrade, destacando a visão artística e poética do autor. Nesse caso, nossa posição não se detém em enfatizar o aspecto do território colonizado e os conflitos possíveis e passíveis de desmembramento, mas destacar interpretações e compreensões do espaço amazônico em momentos históricos distintos, perpassando configurações ligadas à antropologia e os sujeitos do território, valorizando a inter-relação estabelecida no contato homem-natureza em cada período. Neste cenário, a impetuosidade dos naturalistas em suas empreitadas científicas passa a dar lugar a uma imersão poética, em busca de inspiração criativa para alimentar as produções artísticas modernista de Andrade e suas companheiras de viagem, no caso, Olívia Guedes Penteado e as adolescentes Margarida Guedes Nogueira, sobrinha de Olívia e Dulce do Amaral Pinto e filha de Tarsila do Amaral.

Na obra de Mário de Andrade ele tenciona registrar um “diário de viagem” retratando os lugares e seus produtos, o folclore, as belezas, dentre outras possibilidades de vivências na Amazônia, seria um livro modernista sem nenhuma pretensão de ser apresentado enquanto uma obra de arte (Andrade.2015, p. 48). Em grande medida, trata-se

de um apanhado de anotações para sua publicação mais elaborada em um tempo por vir, que na verdade nunca veio, uma vez que *O Turista Aprendiz* é uma obra póstuma. Mário de Andrade faleceu em 1945 e os registros dão conta que o livro foi concluído em 1943, porém sua primeira publicação ocorreu em 1976. Na década seguinte, especificamente em 1983, ocorre a última edição. O IPHAN- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, em parceria com a Fundação Vale lançaram a reedição da obra *O turista aprendiz* em 2015. Andrade traz ao leitor uma percepção muito peculiar, apresentando em seus registros uma Amazônia que emerge do ponto de vista de quem transmite seu pensamento pelo viés da arte.

Em seus primeiros registros ele deixa transparecer que os relatos/publicações dos naturalistas exerceram forte influência na escrita de outros viajantes que percorreram a região, como podemos observar no trecho que retrata sua partida de São Paulo rumo a Amazônia.

07 de maio de 1927. São Paulo. Partida de São Paulo. Comprei pra viagem uma bengala enorme, de cana-da-índia, ora que tolice! Deve ter sido receio vago de índio...Sei bem que esta viagem que vamos fazer não tem nada de aventura nem perigo mas cada um de nós, além da consciência lógica, possui uma consciência poética também. As reminiscências de leitura me impulsionaram, mas que a verdade, tribos selvagens, jacarés e formigões. E a minha alminha santa imaginou canhão, revolver, bengala, canivete. E opinou pela bengala” (ANDRADE, 2015, p. 50)

O imaginário de Andrade, mesmo que de modo sutil, está atravessado pelos relatos dos pioneiros naturalistas, o homem moderno indo de encontro ao meio hostil e primitivo. Em seu subconsciente o medo é real. Nos trechos seguintes conseguimos perceber, de maneira mais acentuada, a diferença na percepção do sujeito que narra a Amazônia do Século XX. Em sua primeira visão adentrando a região pelo litoral paraense, em 18 de maio de 1927, ele descreve como insuficiente o repertório para adjetivar o que vê, recorrendo a uma analogia que permite integrar sua condição de cidadão brasileiro, mas que naquela região desconhecida sua cidadania foi arquitetada como um “europeu cinzento e bem arranjadinho” (ANDRADE, 2015, p 67).

Estar dentro, porém com o olhar de fora, tecer trechos de puro elogio e outros de críticas tão trabalhadas em detalhes que mais tarde apareceram em outras obras como em *Macunaíma*. Mário de Andrade já consegue externalizar a problemática da exploração pós-colonial que permeia todas as relações da produção econômica tanto nacional como internacional, resgatando e comparando a realidade das ex-colônias existente nos continentes africanos e asiáticos, com a realidade interna de exploração, onde existe uma demanda de extração das riquezas das periferias regionais do país para constituição dos grandes centros urbanos, predominantemente no sudeste do país, assim como as ex-colônias para a Europa.

Como modernista contemporâneo, sua prioridade era explorar as sensações, as descrições do dia-a-dia, as experiências dos contatos, elaborar uma escrita permeada pelo

surrealismo, apresentando expressões exageradas, irônicas e por vezes privilegiando mais a poética que a objetividade de um texto científico. Ao longo da obra nos deparamos com alegorias extraídas da realidade local, aproximando o leitor das dimensões míticas, sociais, psicológicas e das relações dos sujeitos com o meio que vivem.

CIÊNCIA E ARTE: REPRESENTAÇÕES ATRAVÉS DO TEMPO

Atualmente percebemos representações amplamente divulgadas nas mídias, contextualizando a Amazônia como o centro de uma problemática climática mundial, evocando discursos que projetam a região como um patrimônio mundial da humanidade, o centro do equilíbrio terrestre, portanto um problema comum a todos, esta é a projeção elaborada das Amazônias no século XXI e raramente encontramos produções que retratam o período dos viajantes de séculos atrás. Em Hemming e Andrade, identificamos perspectivas que de um lado prioriza os saberes objetivos de bases científicas e de outro a atenção se volta para o contorno social e a problemática de uma população que ao longo do tempo teve sua cidadania atrelada ao discurso colonizador que difundiu a região como uma periferia atrasada que ainda não alcançou o estágio moderno de desenvolvimento, (DIAS, 2017, p. 73) alerta para a difusão contínua da ótica eurocêntrica presente nos registros dos naturalistas e que posteriormente de modo quase inevitável o exótico e estranho passaram a representar equivalência de terras amazônicas, realmente percebemos esse elemento presente na obra de Andrade um século depois.

O trabalho de Hemming se impõe enquanto reconhecimento público das características exclusivas em termos de elementos da fauna e flora, bem como sua dimensão. Desta forma exerceu e ainda exerce um ângulo balizador para a tomada de decisões governamentais no perímetro amazônico, porém essas construções discursivas são acompanhadas de críticas e preocupações. Como aponta (SANTOS, 2021, p.65) o século XIX foi o tempo do conhecimento e do progresso, por isso havia muitos agentes financiadores com expectativas reais de obtenção de retorno, ignorando totalmente as diferenças culturais que seriam encontradas pelo caminho. Em contraponto, pensar na obra de Andrade é fazer emergir outro campo de valor agregado ao perímetro, saindo da perspectiva ecológica para o histórico social e os produtos sócio culturais desenvolvidos na região para serem disseminados em todo o território nacional, sendo então incorporados e identificados como legítima cultura brasileira.

Mário de Andrade quer destacar a articulação natureza e representações culturais, despretensiosamente ele relata em seu diário de viagem os sabores, a culinária local, o envolvimento das pessoas em suas crenças, manifestando esses valores em rituais simples encontrados nas feiras e nas grandes festas que mobilizam cidades inteiras. Uma intensa e complexa relação homem-natureza agregando simbologias do “cidadão da floresta” na composição e internalização da identidade cultural nacional. Observe-se que internamente sabemos distinguir as características culturais de cada região do Brasil, mas quando a transposição é feita para o cenário internacional todo é produto cultural brasileiro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A compreensão que temos hoje da Amazônia é resultado de uma polifonia de interpretações, compostas por produções e reproduções discursivas, atravessadas por valores que se alternam entre a natureza dominando o homem e o homem dominando a natureza, imaginário percorre várias dimensões desta inter-relação. Quando definimos a produção em forma de análise comparativa, pensamos como uma tentativa de resgatar literaturas com contornos bem delimitados do objetivo, concordando com o momento histórico em que foram produzidos, denotando a necessidade de rememorar e ressignificar esses escritos.

Estamos vivenciando um momento crítico naquilo que se refere ao equilíbrio entre proteção ambiental e desenvolvimento econômico, a pressão exercida sobre os recursos naturais se amplia, porém, na mesma proporção, as vozes que afirmam o risco iminente do caos global, são, em grande parte, responsáveis pela escassez dos recursos naturais, um impasse que a cada dia fica mais contaminado por interesses diversos. Nesse contexto temos uma visão turva e poluída de questões que deveriam ser tratadas com mais nitidez, principalmente em diálogos com as populações amazônicas. Sendo assim, faz-se necessário mergulhar nas produções mais remotas, procurando compreender as primeiras representações da inter-relação natureza-homem e as influências e intencionalidades que fizeram reverberar essas representações nas concepções dominantes da atualidade.

Refletir sobre nosso espaço de pertencimento em um tempo-espaço diferente do atual, pode ser importante para a produção de novos olhares, sem tanto ruído e preocupação do certo ou errado, buscando simplesmente promover um encontro entre as narrativas que nós produzimos e reproduzimos com as principais fontes captadas dos séculos XIX e XX.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. **O turista aprendiz**. Brasília: IPHAN, 2015.
- DIANA, Daniela. Mário de Andrade. **Toda Matéria**, 2019. Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/mario-de-andrade/> Acesso em: 29 jul. 2021
- DIAS. Naia Maria Guerreiro. A Representação e Cotidiano da Amazônia no Contexto das Obras: Amazônia, Paraíso dos Naturalistas (Hideraldo Costa) Pescas, piqueniques, banhos, a cultura e os lazeres locais no olhar dos viajantes do século XIX (Simone Villanova). *Revista Eletrônica Mutações*, v 8. N. 15 (jul-dez) 2017 p. 62 -76, 2021. Disponível em file:///C:/Users/Pc/Downloads/2823-Texto%20do%20artigo-11566-1-10-20180207.pdf . Acesso: 02 set. 2021
- HEMMING, John. *Árvores de rios: a história da Amazônia*. Tradução de André Luiz Alvarenga. Editora Senac: São Paulo, 2011.
- SANTOS. Deborah Tays Silva dos. O discurso colonizador camuflado de ciências na Amazônia do século 19. **Das Amazônias**, Rio Branco –Acre,v.4, n.1, (jan-jul) 2021, p. 62-74. Disponível em: <https://periodicos.ufac.br/index.php/amazonicas/article/view/4842/2776> . Acesso: 02 set. 2021.
- YOSHIE. Paolla. **Seis Décadas com os povos da Amazônia**: uma entrevista com John Hemming. Agência Envolverde de jornalismo. Itatiba, 24 de novembro de 2020/ capa. Disponível em: <https://envolverde.com.br/seis-decadas-com-os-povos-da-amazonia-uma-entrevista-com-john-hemming/> Acesso em: 29 jul. 2021.